



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Potencialidades da mídia não hegemônica nas dinâmicas urbanas

V 11 | n 20 | jan-jun 2022

Utopia: uma rádio e um jornal comunitários na Praia da Pinheira

Dagoberto Bordin



Edição eletrônica

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (ufsc.br))

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

BORDIN, Dagoberto. Utopia: uma rádio e um jornal comunitários na Praia da Pinheira. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 16-28, jan-jun 2022. Semestral.

© NAUI

Utopia: uma rádio e um jornal comunitários na Praia da Pinheira

Dagoberto Bordin¹

Resumo

O artigo faz um histórico do que foram e no que se transformaram duas das experiências de comunicação comunitária no bairro da Pinheira, sul do município de Palhoça/SC, Brasil. Nesta região balneária, com hoje cerca de 25 mil pessoas que vivem em um grupo de 15 bairros, distante 35 km da sede do município, os moradores locais e os turistas contavam até alguns anos atrás com um jornal impresso mensal (*Espinheira, Espinheira-Santa*, desde 1994) e com uma rádio comunitária (Rádio Pinheira, desde 2014). A luta pela democratização do direito à informação está longe de vingar, mas é isto aconteceu aqui, à revelia dos poderes econômico, político e religioso locais.

Palavras-chave: rádio comunitária, jornal comunitário, comunicação independente.

Abstract

The article presents a history of what two of the experiences of community communication in the neighborhood of Pinheira, south of the municipality of Palhoça/SC, Brazil, were and what they have become. In this seaside region, with today about 25 thousand people who live in a group of 15 neighborhoods, 35 km away from the city center, local residents and tourists relied until a few years ago on a monthly printed newspaper (*Espinheira, Espinheira-Santa*) and with a community radio (Rádio Pinheira). The struggle for the democratization of the right to information is far from successful, but it is possible to react, and this has happened here, in spite of the local economic, political and religious powers.

Keywords: community radio, community newspaper, independent communication.

¹ Jornalista (UFRGS, 1986), doutor em Antropologia Social (UFSC, 2015). Email: dagobertobordin1962@gmail.com.

Um dos organizadores do presente dossiê, depois de atuar mais de 20 anos como jornalista na mídia hegemônica², fixei residência – em 1998 – no litoral de Santa Catarina, sul do município de Palhoça, região conhecida como Baixada do Maciambu. Na Praia da Pinheira, bairro distante 35 km ao sul da sede do município, tive imediato contato com a Escola Estadual Padre Vicente Ferreira Cordeiro, onde atuei por dois anos como professor de Português e Filosofia, antes de ingressar como docente no curso de Comunicação Social na UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina –, em Tubarão e na Pedra Branca, em Palhoça, no ano de 2000. Naquela escola, como não havia professores interessados em lecionar ali, era comum as aulas serem assumidas por ex-alunos que já haviam completado o segundo grau (ensino médio) fora da comunidade. Ainda assim, algumas disciplinas passavam o ano inteiro sem ter professor, pois existia e ainda existe uma demanda por professores, graduados em todas as áreas, no interior de todo o Brasil, incluindo Santa Catarina e a Região Sul, de modo geral. Este contato com jovens e adultos foi oportunidade de me inserir no contexto interno da comunidade, tinha passado alguns verões na Pinheira, antes, mas como turista – foi, então, um contato intenso com as famílias, em especial porque foi o começo do ensino médio no local. Até aquele momento, quem quisesse cursar o ensino médio tinha que sair da Pinheira e ir de ônibus para Palhoça ou outros locais, então a escola naquele momento recebeu uma demanda represada de alunos, pais, mães e filhos, que haviam abandonado os estudos e estavam ansiosos para poder se formar no segundo grau, uma exigência para melhor colocação no mercado de trabalho e oportunidade de finalizar os estudos e tentar um curso superior sem ter que sair da Pinheira, à noite – os ônibus sempre foram um problema porque eram poucos, sucateados, e faziam, lotados, um percurso que ora era de pura poeira ora era de pura lama, um trecho de 12 km, a SC-433, que só foi asfaltado muitos anos depois. A BR-101 não havia ainda sido duplicada e era bem frequente os ônibus quebrarem no caminho.

O jornal comunitário também logo atraiu minha atenção e comecei a publicar nele – na época, o *Espinheira*, que havia sido criado em 1994, tinha quatro páginas em tamanho tabloide, era em preto e branco e sua tiragem era regular. Contribuí como repórter, fotógrafo e redator e, logo, como editor, cargo que ocupei até as edições

² *Zero Hora* (RS), *Diário Catarinense* (SC), *Folha da Tarde*, *Diário Popular*, *Diário do Grande ABC* (SP), Rede Globo, Editora Abril, entre outras editoras.

impressas finais e agora, na versão on line para o Facebook. O *Espinheira* era editado todos os meses, com participação de diversos moradores da comunidade – o coordenador era Vilmar Godinho, o eremita do Vale da Utopia, um jornalista de Porto Alegre que ainda mora numa caverna e virou assunto nacional na ocasião em que o poder público tentou desinstalá-lo de seu refúgio, no Vale da Utopia, em 2016.³

O jornal impresso chegou a ser mensal, colorido, passou a ter 16 páginas e costumava ser muito popular. Seu apogeu foi na década de 90, com até 6 mil exemplares distribuídos de mão em mão pela própria equipe da redação e tendo como assunto os principais acontecimentos comunitários e seus personagens, com três focos específicos: turismo, meio ambiente e comunidade. O jornal impresso era recebido com festa e circulava em toda a Baixada do Maciambu, conjunto de bairros que soma, atualmente, mais ou menos 25 mil pessoas, e também nos municípios de Garopaba, Paulo Lopes e no centro de Palhoça.

Fotografias, textos, ilustrações e diagramação também eram colaborações espontâneas dos próprios moradores, trabalho voluntário, enquanto a impressão era custeada pelo comércio local, nos espaços para os anunciantes. Hoje, o jornal já faz tempo que não sai mais de forma impressa – desde a pandemia de Covid-19 –, mas algumas notícias são distribuídas de maneira episódica (sem edição formal) no endereço do jornal no Facebook: avisos, óbitos, informações de interesse público. Tanto a rádio como o jornal on line, na internet, têm públicos distintos da rádio na FM e do jornal impresso, pois muita gente não tem acesso à internet (40 milhões de pessoas no Brasil) e outros não têm os equipamentos necessários para acessar, embora quase toda a população conte com telefone celular e se informe pelo Whatsapp. Nosso sonho é um dia voltar com o jornal impresso e a rádio na FM, pois a comunidade geograficamente localizada é, a nosso ver, o alvo preferencial deste tipo de comunicação.

Existem algumas coleções inteiras do jornal esparsas entre os moradores e, no nosso entender, elas constituem uma documentação, um patrimônio histórico, uma memória viva, além de o jornal ser também um depositário de patrimônio imaterial, uma vez que

³ <https://mpsc.mp.br/noticias/mpsc-mantem-proposta-para-eremita-do-parque-da-serra-do-tabuleiro>. Acesso em 25 de maio de 2022.

contribuiu para construir a identidade de um lugar (as nossas comunidades) e as identidades das pessoas que nestes lugares conviveram e convivem.

Em nossa comunidade, todos são conhecidos, os jornalistas e os radialistas são pessoas quase públicas. Os moradores ligam ou vão à casa da gente para levar uma foto, uma informação, para fazer uma reclamação. A gente é parada na rua para conversar, pois andamos a pé ou de bicicleta. Existe uma memória indelével, tanto das matérias veiculadas no jornal quanto dos programas de rádio, que também possuem arquivos em áudio e vídeo e contam com as redes sociais. Existem memórias também dos inúmeros eventos promovidos pela rádio.

Figura 1. Capas do jornal *Espinheira* (*Espinheira-Santa*, nas mais recentes edições impressas).



Fonte: Facebook do Espinheira-Santa, 2019.

A Rádio Comunitária Pinheira foi criada em 2001 – fui um de seus fundadores e o primeiro presidente, sempre na diretoria da emissora, ao longo da história – e ela passou a operar em janeiro de 2014, na FM e na internet, simultaneamente. Quando a rádio começou a ser pensada, o Ministério das Comunicações, conforme a lei 9.612, de 19 de

fevereiro de 1998, assinada por Fernando Henrique Cardoso, exigia que se criasse uma associação específica com este objetivo: foi constituída então uma diretoria com CNPJ e passamos a enviar a documentação solicitada para a Anatel, em Brasília. Foram 12 anos extenuantes, pois de tempos em tempos nos pediam mais documentos, diferentes dos anteriores. Um de nossos associados morreu, outros se mudaram daqui, foi um processo oneroso e burocrático ao extremo. É bem desencorajador. Neste sentido, talvez a clandestinidade (as rádios piratas) seja mais eficiente, pois estas rádios são muito mais atuantes do ponto de vista social, enquanto as legais foram, de certa maneira, sendo “domesticadas” – toda programação tem que ser gravada, não se pode buscar anunciantes fora do raio de 1 km, na verdade não se pode ter anunciantes, mas sim algo indefinido como “apoio cultural”. São inúmeras as regras para a manutenção das emissoras e, mesmo assim, ou talvez justamente por causa disso, muitas rádios comunitárias surgem e/ou acabam nas mãos de políticos profissionais, grupos econômicos ou das igrejas.

Nosso processo chegou a ser arquivado, num dado momento, sem que tivéssemos sido avisados, então reabrimos nossa inscrição. No total, nosso pedido ficou em tramitação de 2001 até 2013. Isso em pleno governo do PT. Até que, em 2013, a outorga foi, enfim, concedida. Na hora em que ocorreu a concessão pública, assinada por Renan Calheiros, imediatamente houve um movimento de tentativa de apropriação da emissora. Se a cada dois anos a chapa da diretoria nunca mudava – exceto no caso de mudança ou falecimento de algum dos seus integrantes, na primeira eleição posterior à outorga foi apresentada uma chapa em que se colocava na presidência da diretoria da rádio uma moradora e associada que tinha sido candidata derrotada algumas vezes para o cargo de vereadora por Palhoça, ex-diretora (vitalícia) da escola. Ela contava com o apoio de uma rede de supermercados, principal poder econômico local. A chapa foi recusada, não houve eleição, e a decisão sobre a nova diretoria da rádio foi tomada, dias depois, numa espécie de plebiscito realizado na escola estadual local, com a presença de grande parte da comunidade. Mantivemos, então, a diretoria histórica, pois nunca tínhamos exercido de fato o comando da rádio.

Comprado o equipamento básico – antena, transmissor, microfones, a torre da antena, os cabos – com ajuda de alguns colaboradores, pessoas físicas e donos de comércios locais, foi instalada a antena de FM e alugado um apartamento para o estúdio,

na Praia de Cima, Pinheira. Passamos a transmitir em janeiro de 2014, simultaneamente na FM, 98.3 e na internet. Sem receita, no começo as dívidas e o aluguel foram pagos por membros da diretoria.

Ajustar a programação foi um momento complexo, pois não tínhamos pessoal e nem um programador, mas, aos poucos, foram sendo criados programas de músicas (reggae, gaúchas, eruditas, jazz, samba, sertanejo e diversos programas de entrevistas com os mais variados apresentadores – mulheres, crianças, idosos (aposentados), pessoas com dificuldades (como uma apresentadora com síndrome de down), um aluno angolano do jornalismo na Unisul chamado Camuaso Segundo produzia e apresentava o “Viva Angola”, ele é cego. Tivemos um programa comandado por uma professora de Libras. Houve programas que duraram anos e houve um, de rock progressivo, que existiu por uma única noite. O “Sustentabilidade Agora”, com a professora Hélia Alice dos Santos, do Centro de Triagem da Pinheira, foi um dos programas pioneiros e durou do começo ao fim; o “Aldeia Global”, de entrevistas, era realizado por Magnus Casara, com um total de mais de 200 personalidades locais; houve um programa sobre educação, com a educadora Renata Scaim (o “Bola de Meia”); um sobre plantas alimentícias não convencionais (PANCs), o “Do mato ao prato”; o “Prosa de Cozinha”, com o chef mineiro Gabriel Nassif, com receitas culinárias; um de música gaúcha, que teve duas versões, o “Cantares do Sul”, com Pedro Luiz Barreto, e o “Domingo Campeiro”, com Paulo Pavanello. As pesquisas apontavam que a maioria dos ouvintes preferia ouvir só sertanejo e tivemos vários programas do gênero, em alguns momentos, mas como a maioria das rádios já tinha escolhido este tipo de música e elas (Guararema, Massa, Regional, por exemplo) tocavam só isso o dia inteiro, optamos pela escolha de diferentes gêneros, mais música brasileira, inclusive um programa exclusivo de música latino-americana, o “Nação Latina”, que era semanal e produzido e apresentado por um professor, Adair Bonini, do curso de Letras da UFSC. Avelino Ferreira comandava um programa de jazz e outro de música erudita. Tivemos alguns programas de igrejas evangélicas. A rotatividade de apresentadores e programas era bem intensa.

Sim, havia ouvintes que só ligavam a rádio no horário de suas músicas e programas favoritos. Parte da comunidade, por outro lado, nunca sequer soube da existência da rádio enquanto outra parte era fã, ouvia tudo todo dia, ligava e interagia com a rádio nas redes

sociais e pelo telefone. Parte de nossos apresentadores não ouvia a rádio. A rádio sempre funcionou 24 horas por dia, sete dias por semana.

Desinstalamos a torre da antena e paramos de transmitir pela FM durante a pandemia de Covid-19, em 2019, quando também se tornou impossível continuar pagando o aluguel, em nosso segundo endereço na Praia da Pinheira. A rádio nunca teve uma sede própria. Mantemos atualmente a transmissão apenas na internet, como webrádio (ou rádio web), uma rádio hoje basicamente musical ainda que no Face continuemos a transmitir algumas notícias locais. Agora, pensamos e produzir *podcasts* e aceitar anúncios sonoros apenas para a internet, com a inclusão de comerciais em forma de *banners* gráficos.

Da mesma forma que o jornal, a rádio movimentou o imaginário local, com programas retransmitidos da rádio UDESC (o “Educação Sexual em Debate”), com todos os programas da Rádio Senado, Rádio UFSC, Portal Desacato e a maioria dos programas produzidos localmente (de saúde, meio ambiente, veterinária, gastronomia), dando espaço e voz às das pessoas que moram na região ou frequentam ou passaram pelos nossos balneários.

Comunicação comunitária, um patrimônio?

Como mencionamos na apresentação, parece-nos óbvio que são patrimônio tanto a memória quanto os arquivos físicos da rádio e os do jornal. Podemos digitalizar o jornal e os áudios, mas, comparando os dois meios de comunicação comunitários em questão, o jornal *Espinheira* e a Rádio Pinheira, talvez a rádio tenha tido – contraditoriamente – uma “ressonância” menor que o jornal. Não me parece que tenha sido ou possa a vir ser considerada um patrimônio cultural. Utilizo “ressonância” no sentido atribuído ao termo por Gonçalves⁴ no artigo “Os limites do patrimônio”. Assim, talvez o jornal impresso tenha sido mais apropriado pelas comunidades – de qualquer forma, ninguém mesmo assim se moveu pela sua continuidade ou pela sua preservação enquanto memória. Outros aspectos contribuem, a meu ver, pela pequena popularidade da rádio. O mais evidente é

⁴ <http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Texto%20-%20GON-ALVES.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2022.

a concorrência das rádios entre si e entre as rádios e todos os outros meios de comunicação – quase ninguém mais sintoniza uma rádio para ouvir músicas, já que é possível ouvir só as músicas de sua predileção em aplicativos como o Spotify ou Deezer, ou seleções particulares de um repertório baixado da internet ou gravado em casa. Um segundo motivo: é bem possível que tenhamos sofrido preconceito por sermos, quase todos integrantes da rádio, desde o começo, pessoas “de fora”, numa localidade ressentida por ter poucas iniciativas a cargo das “de dentro” – a Pinheira não conta sequer com uma associação de bairro ou um conselho comunitário locais. De fato, a maioria dos voluntários atuantes na Rádio Pinheira no seu auge eram pessoas que vieram do Rio Grande do Sul, em sua maioria, São Paulo e Minas Gerais, Paraná, Angola... entre outros.

Do ponto de vista comercial, tanto o jornal impresso quanto a Rádio Pinheira sempre foram exercidos de maneira muito artesanal, quase improvisada, do ponto de vista financeiro. Não chegamos a nos transformar propriamente em empresas, o jornal nunca teve sequer CNPJ, não tinha nenhum registro legal, além da sua própria existência – baseados na livre circulação de informações e no direito à liberdade de expressão, previstos constitucionalmente. Sempre estivemos tanto no jornal quanto na rádio num limiar: conseguir dinheiro suficiente para pagar as contas. No jornal, estas contas significavam principalmente a impressão, já que todas as outras funções eram executadas por voluntários, nos últimos anos basicamente o coordenador, Vilmar Godinho, e o editor, Dagoberto Bordin, que elaborávamos desde a pauta até a reportagem, a edição de textos e as fotos, vez ou outra a diagramação, até a captação dos anúncios e a sua distribuição. Na rádio, os anúncios sempre foram muito acessíveis (R\$ 100 por mês por dez inserções diárias de um minuto) – pela lei, as rádios comunitárias não podem receber anúncios públicos (de governos ou prefeituras ou órgãos públicos) e, na Baixada do Maciambu, a economia local é bem sazonal, tem um período de vacas gordas, que são os dois meses de verão, a “temporada”, e um longo período de vacas magras, que vai de março até dezembro, já que se trata de bairros litorâneos que têm a atividade econômica centrada no turismo de sol e mar. Na baixa temporada, restaurantes, bares, lojas fecham. Na rádio, dava mal e mal para pagar o aluguel, internet, telefone, luz, taxas da Anatel etc. Tivemos um pequeno período em que alguns dos associados contribuíram com uma mensalidade simbólica, mas a maioria não ajudava com nada, aparentemente não se considerava a

rádio como um serviço, talvez diante da oferta de inúmeras outras rádios em AM, FM, on line – a concorrência sempre foi muito forte, apesar de que a Rádio Pinheira era a única local, com notícias e entrevistas com pessoas da comunidade sobre assuntos como saneamento, transporte público, saúde, meio ambiente, esportes, plano diretor, entre outros.

Outro problema: tratávamos de assuntos espinhosos, tanto na rádio quanto no jornal – embora a maior parte do tempo tenhamos nos concentrado na exploração do turismo, do ecoturismo, das agendas locais das comunidades e do meio ambiente. Nem sempre agradamos a todos e muitas vezes a rádio e seus integrantes foram acusados de comunistas, esquerdistas, ecochatos justamente pelas nossas pautas – índios, negros, trabalhadores, transporte público, posto de saúde, esgoto, invasões e incêndios de terras do Parque do Tabuleiro.

Para muitas pessoas, tanto a rádio quanto o jornal talvez parecessem “bicos”, não trabalho. Equipe mínima, inexperiente do ponto de vista empresarial, nunca houve preocupação com uma reserva financeira para investimentos como uma sede própria, um carro. Era tudo experimental e, mesmo assim, muita gente aprendeu a trabalhar em rádio conosco, houve participação de pessoas que já tinham rádio na web, participação de escolares, pessoas que já tinham trabalhado em outras rádios comunitárias. Foi uma trajetória bem sofrida do ponto de vista financeiro. Já no primeiro mês no ar, chegaram os fiscais da Anatel e tivemos de pagar multas pelo fato de nosso transmissor não ter sido aterrado, pelo fato de a torre da antena não ter os 30m de altura previstos na lei (tinha 28m) – quando sempre considerávamos que o problema era ter mais altura que o previsto e não menos.

Nas últimas eleições para prefeito e vereador, em Palhoça, embora a rádio já estivesse fora do ar na FM e embora ninguém mais trabalhasse presencialmente em função da pandemia, fomos autuados e multados por não transmitir, na web, a propaganda eleitoral gratuita do candidato que acabou se elegendo prefeito. Seus advogados conseguiram a retirada do ar da emissora também na internet, sendo que a propaganda eleitoral não está prevista para as web rádios e a lei das rádios comunitárias foi editada inclusive antes da existência da internet, portanto antes de as comunitárias entrarem no ar on line, fora da FM. Mais um golpe.

Da parte do poder econômico local, acreditamos que havia uma insegurança com relação ao fato de a rádio e o jornal serem tão livres – não dependíamos do poder econômico local, pois nossos anúncios eram pequenos e pulverizados. A mencionada rede de supermercados, por exemplo, jamais anunciou na rádio e havia retirado o seu anúncio do jornal assim que denunciámos o despejo de esgoto de uma pousada da mesma família, que explodiu, um verão, no centro da Pinheira – na verdade foi a publicação da carta de uma leitora.

Manter uma rádio comunitária no ar é um ato de heroísmo. Sabemos de algumas rádios que aumentam a potência de seus transmissores (a lei diz que só se pode ter transmissor de 25 watts, quando uma rádio comercial hoje pode operar com transmissores de mais de 5.000 watts). Outras rádios comunitárias são de propriedade de líderes religiosos ou de políticos – o que é proibido pela lei, mas acontece muito.

Nosso objetivo sempre é a retomada da FM, mas, em 2021, tivemos que devolver R\$ 20 mil conquistados pela Lei Aldir Blanc porque simplesmente não conseguimos em toda a Pinheira um local para reinstalar a torre da antena. É lamentável. Ressuscitamos os radinhos de pilha. Muita gente ouvia a Rádio Pinheira na hora da faxina, na hora de lavar a roupa, nos trajetos de carro, em alguns comércios. Nosso telefone estava sempre a tocar. A rádio era ouvida até a altura do Morro dos Cavalos, na Enseada de Brito, mais de 12 km de distância da torre, em vez dos 1 km previstos na lei, porque só uma onda em direção contrária à nossa é que poderia interromper o nosso sinal.

Os que restaram desta experiência de comunicação comunitária estamos sexagenários, não produzimos descendentes comunicadores e é bem provável que esta experiência não se repita, tão intensa foram as mudanças nos meios de comunicação nos últimos anos. Para quem vivenciou este fenômeno, contudo, foi uma vivência inesquecível. Mostramos que, sim, era possível, e nosso sonho se tornou realidade durante toda a existência tanto do jornal quanto da rádio. A ver, agora, que extensões desta utopia possam ter desdobramentos no futuro, com novos atores e novas tecnologias.

Figuras 2, 3, 4, 5. Imagens de estúdio da Rádio Pinheira e do “Terraço da Fama”, local para onde levávamos as visitas para apreciar a paisagem e registrar sua presença na emissora.





Fonte: Facebook da Rádio Pinheira.

Referências

- AGÊNCIA PÚBLICA.** O mapa do jornalismo independente. **Agência Pública.** 2016. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em 21 nov. 2021.
- CARVALHO,** Guilherme; **BRONOSKY,** Marcelo. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 21-39, Jan/Jun 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/10007-36456-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- D'AZEVEDO,** Maria Marta Alves (Coord.) O jornal como formador de opinião pública, Coleção: Textos para Discussão 16 – Comunicação. Porto Alegre: Ufrgs/1983.
- GONÇALVES,** José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios.** www.scielo.br/j/ha/a/wRHHd9BPqsbDBzSM33NZcG/?lang=pt. Acesso em 25 de maio de 2022.
- GUIMARÃES,** Cátia Corrêa. **Jornalismo e luta de classes:** desvendando a ideologia do modelo informativo na busca da contra-hegemonia. Tese apresentada à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- KUCINSKI,** Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EdUSP, 2003.
- MAGNANI,** José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, junho/2002. p. 11-29. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1oGX0nj5IZKkFstajNviVvs-pAWTRHS1v/view>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- MAGNANI,** José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MICK,** Jacques, **CHRISTOFOLETTI** Rogério, **LIMA,** Samuel Pantoja (Orgs.), Jornalismo local a serviço dos públicos: Como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo, 1ª ed. – Florianópolis: Insular, 2021, 120p.
- SILVA,** Mariana da Rosa. **Tensões entre o alternativo e o convencional:** organização e financiamento nas novas experiências de jornalismo no Brasil. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185627>. Acesso em: 21 nov. 2021.